

APONTAMENTOS PARA UMA ECLESIOLOGIA ENCARNADA

Luiz Alexandre Solano Rossi

Introdução

Uma eclesiologia que não dê relevância à encarnação torna-se abstrata e, por isso, a princípio, manipuladora e historicamente alienante. Logo, a prática eclesial, não pode se localizar distante da história, pois da irrelevância histórica nasce a futilidade.

Mas queremos abordar aquilo que temos chamado de “prática eclesial contextualizada”. Esta vai um pouco além. É na verdade um misto de encarnação, igreja e realidade. Três momentos que se fundem e con-fundem.

Por tempo demasiadamente longo a prática da igreja limitou-se a um mero sentimento piedoso. Uma encarnação de sentimentos que des-encarnava o cristão de sua realidade. A consequência não poderia ser mais nefasta: a prática da igreja tornou-se irrelevante e, arriscaria a dizer, o próprio mundo não vê mais razão para a sua existência.

A fé sem fundamento ocasionou o ocaso da igreja. A sua ausência do mundo determinou a sua irrelevância. E o seu aspecto não encarnacional na realidade obnubilou sua ação transformadora.

A fé em Cristo jamais pode identificar-se com um mero sentimento piedoso. Antes, é uma fé enraizada na história e nela sobrevive. Desta forma a fé em Cristo leva a igreja e conseqüentemente os cristãos, a uma constante busca de sua relevância no plano histórico. Assim, a encarnação solidária tem seu início assegurado. Pois as raízes são fortes e a seiva de primeira qualidade.

Contudo, não parece tão fácil tecer comentários sobre a “encarnação solidária”. Pois como já dissemos em linhas acima, a evasão da história é bem mais conhecida dos nossos fiéis do que a invasão da história.

Encontramo-nos em um momento duplo: por um lado um grupo (com certeza o grupo maior) evadindo-se do mundo; e um outro grupo (com certeza o grupo menor) invadindo o mundo. São lu-

tas hercúleas. Ferrenhas lutas teológicas. Momentos que levam a igreja a faccionar e perder sua relevância.

Estamos mais preocupados com o céu do que com a terra. Nossos olhos não são capazes de se voltarem para os necessitados de toda ordem, mas voltam-se com facilidade ao paraíso idílico das ruas de ouro.

Diante da morte e de todas as suas roupagens, calamo-nos.

Diante das forças do anti-reino que massacram a vida, apontamos para o paraíso no final dos tempos.

Diante da destruição iminente do nosso ecossistema, da vida como dádiva do Deus criador e diante da fome e da opressão institucionalizada, calamos e refletimos jubilosamente: é o final dos tempos que se aproxima; Jesus está retornando.

Uma verdadeira teologia da morte ou, poderíamos dizer, da anti-vida. Algo extremamente grosseiro de se pensar. Acabaram por interligar a morte com Jesus. Um está em dependência do outro. Para que Jesus volte é necessário que a morte e a destruição se intensifique.

Mas será esse o projeto de Deus? É o que devemos investigar.

1. Encarnação: Significados e Implicações para a Pastoral

O Cristo que os conquistadores trouxeram para cá no século XVI e que define o pensamento e a ação dos cristãos na América latina, já estava bem “des-encarnado”.

Um Cristo propício a interesses e ideologias. Um Cristo forjado e irrelevante. Promovedor das histórias de conquistas em detrimento das histórias não contadas dos povos oprimidos.

Torna-se necessário, portanto, buscar os significados da encarnação para que seja viável pensarmos em implicações para uma pastoral contextualizada. Para tanto, é necessário que caminhemos à luz de uma pergunta, como farol a iluminar nosso caminho: **Como o Filho de Deus viveu a sua encarnação?**

Socorro-me a René Padilla,

Todo o ministério de Jesus destaca a sua preocupação especial para com os pobres e oprimidos. Indubitavelmente, via-se a si mesmo como um profeta enviado a pregar as boas notícias aos pobres, a dar liberdade aos prisioneiros, vista aos cegos e libertação aos oprimidos e proclamar o ano aceitável do Senhor. Ele interpretava sua missão à luz do pro-pósito de Deus de estabelecer justiça sobre a terra.¹

Logo, a encarnação de Jesus não deve ser refletida a partir de uma “categoria teológica abstrata”.² Pois assim chegaríamos à beira de um terrível precipício e, transformaríamos um tema teológico de profundas implicações para a história como um todo, num subjetivismo espiritualista.

É de se esperar que a encarnação só se realiza a partir de uma dada situação história e localizável. Assim foi com Jesus. Quando o apóstolo João diz que o “verbo habitou entre nós” (Jo. 1.14), estamos frente a frente com as pressuposições históricas, culturais, genéticas, econômicas e sociais de Jesus Cristo.

A partir desse momento torna-se claro que Jesus vai assumir e até mesmo optar por valores reais de sua sociedade (e é claro, de seu momento histórico). Assim o vemos desenvolvendo seu ministério a partir dos desprivilegiados de seu tempo. Uma primeira implicação pastoral poderíamos adiantar: faz-se necessário uma continuidade e uma atualização radicalmente nova da prática de Jesus (do ontem) para prática da igreja (do hoje).

Quero afirmar que nós, enquanto igreja, precisamos urgentemente assumir algumas perguntas que são nossas. Todas aquelas que se relacionam à opressão, à injustiça e à pobreza, à riqueza e ao poder. Assim como Cristo assumiu a sua cruz, precisamos assumir as milhares de cruces do nosso mundo. É necessário chegar aos pés das cruces dos crucificados do nosso tempo. É mister assumir as cruces da atualidade. Pois a cruz foi a expressão mais eloqüente da solidariedade de Jesus com os oprimidos.

Assim poderíamos afirmar que

a pergunta básica para os cristãos ... tem a ver com a maneira em que hão de viver a fé em Jesus em sua situação concreta. Pelo fato de a palavra ter se tornado “carne”, não podemos menos que afirmar a história como o contexto no qual Deus está cumprindo sua vontade redentora. A historicidade (encarnação, acréscimo meu) não deixa lugar para um

1 **Em Busca de uma Cristologia Contextual.** In: Boletim Teológico, nº 6, 1986, p. 15.

2 Faço uso da expressão de Noé S. Gonçalves, em seu artigo **Encarnando Cristo em nossa Missão.** In: Boletim Teológico, nº 6, 1986, p. 32.

dualismo em que a alma seja separada do corpo, nem para uma mensagem que se concentre exclusivamente na salvação no além, nem ainda para uma igreja que se isole da sociedade e se constitua um gueto.³

Começo a pensar que a prática eclesial contextualizada começa a existir quando assumimos uma cruz (ou várias cruzes) plantadas na história. Percebemos pelos Evangelhos que Jesus mostra-se solidário em resposta às situações concretas das pessoas. Ou seja, uma pessoa num período histórico concreto, torna-se a encarnação do propósito final de Deus para toda a criação.

Também é preciso lembrar que a encarnação encontra resistência desde o início. É que constatamos em mateus quando vemos relatado que os soldados romanos estavam à procura da criança que seria rei. Tal procura leva o império a assassinar todas as crianças com menos de dois anos. O império sempre vai se postar contrariamente à encarnação. Pois a encarnação é subversiva. A solidariedade com os pobres amedronta. A encarnação desestabiliza qualquer sistema. A encarnação solidária é uma ameaça ao sistema estabelecido.

Contudo, o império não conseguiu impedir o projeto que nasceu feito criança. Com a derrota do império é possível enxergar a encarnação solidária acontecendo entre pobres e marginalizados:

Os que recebem ajuda de Jesus são ... pessoas à margem da sociedade, homens que, devido à má sorte, à culpa ou aos preconceitos existentes, são considerados homens marcados, proscritos; doentes que, segundo a doutrina da retribuição, que dominava na época, devem suportar a sua doença como punição por algum pecado cometido; endemoninhados ou seja, possuídos pelos demônios; os doentes de lepra, "primogênitos da morte", aos quais se nega a vida em companhia dos outros; gentios, que não participam em nada dos privilégios de Israel; mulheres e crianças que nada representam na comunidade; e pessoas realmente más, culpadas, que o homem bom sempre mantém à distância.⁴

Mas quais seriam as implicações da encarnação para a pastoral brasileira?

Logo de início podemos estabelecer que a prática pastoral da igreja (e com isso a prática dos cristãos), não é a partir de um processo que afasta as pessoas dos reais dilemas da sociedade; mas sim a partir de um convite para participar do esforço total (encarnação solidária) para moldar a sociedade mais de acordo com a vontade de Deus e o padrão do Reino.

3 PADILLA, René C. *Op. Cit.* p. 18.

4 BORNKAMM, G. *Jesus of Nazareth*. New York, Harper 7 Row, 1960. p. 79.

Portanto, a prática eclesial se dá na história. É localizável. Não há como fugir do compromisso com a história. Não há como transcender. Não podemos, em hipótese alguma ficarmos à margem das ambigüidades históricas atuais. É necessário a manifestação. E como diria Emílio Castro: “Tornando-nos cristãos, não podemos fugir à história”.⁵ Pois é na história, em meio a ambigüidades, que a igreja deve se localizar com a sua prática. É diante das manifestações de injustiça e opressão do anti-reino que a igreja deve afirmar a **liberdade** como expressão particular de seu projeto de transformação.

Devemos notar que a “igreja enquanto comunidade social, deve agir na história”.⁶ Pois ela não é elemento estranho à mesma. A igreja na história age encarnacionalmente através da prática libertadora:

A praxis libertadora, enquanto parte de uma autêntica solidariedade com os pobres e oprimidos, é afinal uma praxis de amor, de amor verdadeiro, eficiente, amor histórico por pessoas concretas, amor ao próximo e, nesse amor, amor a Cristo, que se identificou com o menor de nossos irmãos. Todas as tentativas para separar o amor de Deus e do próximo dão lugar a atitudes que empobrecem o Evangelho. É fácil opor uma praxis do céu a uma praxis da terra e vice-versa. É fácil, mas não é fiel ao Evangelho de um Deus feito homem. Parece mais autêntico e mais profundo falar de uma praxis de amor, que tem suas raízes num amor livre e gratuito do Pai, quando se torna história em solidariedade com os pobres e desvalidos e, através deles, em solidariedade com todos os seres humanos.⁷

2. Facetas de Uma Igreja Ortodoxa

Falamos em linhas acima em encarnação solidária como a implicação mais séria do caráter evangélico de ser igreja.

Contudo, o maior problema reside no fato de que prática atual das igrejas está longe de ser encarnada e solidária; está mais para uma instituição des-encarnada e mesquinha.

A partir de Tomás de Aquino, a filosofia mais adotada na igreja foi a aristotélica. No tempo de Aristóteles, o trabalho manual era considerado inferior. Valorizou-se o trabalho intelectual. O mais im-

5 CASTRO, Emílio. **Servos Livres?** Rio de Janeiro, CEDI, 1986. p. 52.

6 *Ibidem*. p. 110.

7 GUTIERREZ, G. **La Fuerza Historica de los Pobres**. Salamanca, Sigeme, 1982. p. 89.

portante era a alma. Este modo de pensar entrou na igreja e perdura até hoje.

Os cristãos, portanto, passaram a viver sempre em grandes conflitos:

sagrado x profano
igreja x mundo
espírito x matéria
alma x corpo
fé x ciências (política)

Nesse estilo de vida e de prática cristã, Deus estava sempre na primeira coluna. O outro lado era do maligno.

A consequência é clara e insofismável: a prática da igreja tornou-se evasiva em relação ao mundo, à sociedade e à injustiça. Passou a preocupar-se mais com os aspectos transcendentais da vida e esqueceu-se das contradições e ambigüidades do dia-a-dia.

Possivelmente, uma igreja nessas condições pode ser denominada de ortodoxa. Pois é a partir de facetas de uma igreja baseada nesses parâmetros que proponho uma análise.

Expressões como as que seguem são normais nas comunidades ortodoxas: "a igreja não deve se envolver com as coisas do mundo"; "fulano de tal é pobre porque não tem Jesus no coração; "vida cristã e política não se misturam".

Tais expressões revelam os valores que foram transmitidos desde há muito tempo a nossos fiéis. Valores que ficaram impregnados na mente e na pseudo-prática dos mesmos.

Desta forma os valores relevantes para tais pessoas são aqueles relacionados à transcendência e às aspirações de um reino vindouro.

Mas, pastor, dizem os fiéis, "se o mundo vai acabar, se tudo vai ser destruído no final dos tempos, não é necessário a preocupação ecológica".

Situações limites. Uma ficção escatológica ensinada e propagada com vigor ganha corpo. A Igreja, e assim os cristãos, passam a entender a si mesmos como um corpo estranho no mundo. São apenas peregrinos e forasteiros. Sendo um corpo estranho num mundo pecaminosos e destinado à destruição final, o objetivo primordial é a salvação das almas. O mundo não pode ser salvo. A matéria está grávida do pecado. Mas a alma é sublime e passível de encontrar a salvação.

Amarrado ao pensamento anterior dos fiéis, está um outro pensamento, não menos perigoso e ardiloso: “pastor, o mundo (a sociedade, os sistemas políticos e sociais, a vida em si) não tem mais jeito. É impossível transformar tais situações. A Bíblia diz que no final dos tempos tudo iria piorar, e isto está acontecendo”.

Tais expressões revelam-nos que a única esperança dos cristãos neste mundo caótico em que vivemos é a volta de Jesus.

Assim, as guerras civis; os regimes ditatoriais; as revoluções; a opressão econômica; o racismo; o preconceito; o ódio; a morte prematura de milhões de crianças; os menores abandonados, etc; são fatos até naturais e precisam realmente acontecer para confirmar a volta de Cristo.

Nada pode ser mudado ou alterado. Essa acabou tornando-se a tônica da teologia ensinada e pregada nas igrejas.

Todavia é mister afirmar e ratificar que a encarnação solidária é o caminho que conduz a uma prática eclesial contextualizada. Desta forma é possível afirmar com Jon Sobrino que é “no testemunho em favor da vida que está a raiz mais profunda da atuação da igreja... Esta vida é entendida como vida em plenitude que alcança todos os níveis da vida; daí que a igreja pretenda uma libertação integral”.⁸

Conclusão

Há realmente um vazio entre a encarnação do filho de Deus e a prática da igreja. Um profundo vazio que faz com que os cristãos se enclausurem e fiquem a viver num mundo distante e alienado de tudo e de todos.

Mas qual a função social de nós cristãos? Qual a nossa responsabilidade diante da sociedade?

São perguntas que somente encontrarão respostas a partir da prática e do engajamento nos movimentos de libertação e restauração da vida.

Já não basta a igreja olhar o mundo. Chegou o momento de transformá-lo e até mesmo de substituí-lo.

Por isso, a prática eclesial brasileira não pode contentar-se com discursos e teorias; não pode acomodar-se às estruturas dos templos e instituições; mas sim deixar-se levar pelo sopro do Espírito que conduz às regiões em que a igreja jamais pensou em colocar os pés.

8 SOBRINO, J. *Ressurreição da Verdadeira Igreja*. São Paulo, Loyola, 1982. p. 170.

A encarnação do Filho de Deus não deixa dúvidas e muito menos opções: já não podemos ficar com um pé em cada canoa. Já não podemos servir a dois senhores. Já não podemos servir aos poderosos e aos pobres.

A orientação do Espírito é clara. Ele já se encontra entre aqueles que são pobres e marginalizados. Está à nossa espera. Está à espera que rompamos as barreiras da pseudo-prática que nos escondia através do manto da santidade.

Simplesmente é necessário escutar o sopro do Espírito... E permitir que sejamos engravidados (à maneira do Filho de Deus) e conseqüentemente vivenciarmos a encarnação junto àqueles que ainda não sabem o que é viver dignamente.

Uma prática eclesial contextualizada acontece a partir do momento em que deixamos de olhar para nós mesmos e começamos a olhar para o próximo e tomamos a coragem de caminhar até ele e com ele habitar.

“E a Palavra se fez carne e habitou entre nós.” (Jo.1.14)